

Um mês com Maria - Padre Stefano Maria Manelli

[Um_mes_com_Maria_Pe_Stefano_Maria_Manelli](#)

INDULGÊNCIA PLENÁRIA nas Missas de Fim-de-Ano

A Igreja concede indulgência plenária para aqueles fiéis que no dia 31 de dezembro rezarem o hino "TE DEUM" e quem no dia 1 de janeiro rezar o "VENI CREATOR", ambos publicamente. Para cada um dos dias, pode-se lucrar indulgência plenária para si mesmo ou pela alma de algum fiel defunto. Não basta apenas rezar, senão que também é necessário cumprir as condições que se seguem:

- 1) Repulsa por todo tipo de pecado, inclusive o venial. Em outras palavras, o fiel não pode ter intenção de pecado no coração;
- 2) Confissão (aconselha-se pelo menos 7 dias antes ou depois do dia em que se realizar a obra indulgenciada);
- 3) Comungar;
- 4) Rezar nas intenções do Papa ao menos um Pai-Nosso e uma Ave-Maria;
- 5) Cumprir a obra prescrita, que nesses dias são a oração do TE DEUM (dia 31) e do VENI CREATOR (dia 1).

Uma só confissão vale para os dois dias, mas a comunhão e as orações pelo papa devem ser feitas em cada um dos dias. Ganha-se apenas uma indulgência a cada dia.

Seguem-se os hinos:

- 1) Para o dia 31/12

HINO " TE DEUM, LAUDAMUS (A VÓS, Ó DEUS, LOUVAMOS)

A vós, ó Deus, louvamos.
A vós, Senhor, cantamos.
A vós, Eterno Pai,
adora toda a terra.
A vós cantam os anjos,
os céus e seus poderes:
Sois Santo, Santo, Santo,
Senhor, Deus do universo!
Proclamam céus e terra
a vossa imensa glória.
A vós celebra o coro
glorioso dos Apóstolos,
Vos louva dos Profetas
a nobre multidão
e o luminoso exército
dos vossos santos Mártires.
A vós, por toda a terra,
proclama a Santa Igreja,
ó Pai onipotente,
de imensa majestade,
e adora juntamente
o vosso Filho único,
Deus vivo e verdadeiro,
e ao vosso Santo Espírito.
Ó Cristo, Rei da glória,
do Pai eterno Filho,
nascestes duma Virgem,
a fim de nos salvar.
Sofrendo, vós, a morte,
da morte triunfastes,
abrindo aos que têm fé,
dos céus o reino eterno.
Sentastes à direita
de Deus, do Pai, na glória.
Nós cremos que de novo
vireis como juiz.
Portanto, vos pedimos:
salvai os vossos servos,

que vós, Senhor, remistes
com sangue precioso.
Fazei-nos ser contados,
Senhor, vos suplicamos,
em meio a vossos santos,
na vossa eterna glória.
Salvai o vosso povo.
Senhor, abençoai-o.
Regei-nos e guardai-nos
até a vida eterna.
Senhor, em cada dia,
fiéis, vos bendizemos,
louvamos vosso nome
agora e pelos séculos.
Dignai-vos, neste dia,
guardar-nos do pecado.
Senhor, tende piedade
de nós, que a vós clamamos.
Que desça sobre nós,
Senhor, a vossa graça,
porque em vós pusemos
a nossa confiança.
Fazei que eu, para sempre,
não seja envergonhado:
Em vós, Senhor, confio,
sois vós minha esperança!

2) Para o dia 01/01

VENI CREATOR SPIRITUS!
Vinde, Espírito Criador!

Vinde Espírito Criador, as nossas almas visitai,
e enchei os corações com vossos dons celestiais.

Vós sois chamado o Intercessor de Deus excelso dom sem par,
a fonte viva, o fogo, o amor, a unção divina e salutar.

Sois o doador dos sete dons e sois poder na mão do Pai,
por Ele prometido a nós, por nós, seus feitos proclamai.

A nossa mente iluminai, os corações enchei de amor,
nossa fraqueza encorajai, qual força eterna e protetora.

Nosso inimigo repeli, e concedei-nos a vossa paz.
Se pela graça nos guiais, o mal deixamos para trás.

Ao Pai e ao Filho Salvador, por vós possamos conhecer
que procedeis do Seu amor, fazei-nos sempre firmes crer.

Amém!

Concede-se indulgência parcial ao fiel que recitar sozinho o hino Te Deum (A vós, ó Deus) em ação de graças, e será plenária, quando recitado em público no último dia do ano.

Concede-se indulgência parcial ao fiel que recitar devotamente o hino Veni Creator (Ó vinde, Espírito Criador). A indulgência será plenária no dia primeiro de janeiro e na solenidade de Pentecostes, se o hino for recitado publicamente.

O poder de Cura da Oração Cientificamente Comprovado

Diversas pesquisas médicas têm reforçado o efeito poderoso da oração e

da meditação na saúde humana

O Dr. Andrew Newberg, da Universidade norte-americana Thomas Jefferson, é um dos muitos pesquisadores que reafirmam o efeito poderoso da oração e da meditação na cura de doenças. Ele realizou estudos com 40.000 pacientes, baseados em ressonância magnética, e apresentou suas considerações no livro *“How God changes the brain”* (*“Como Deus muda o cérebro”*), lançado em 2009. Desde então, diversas outras pesquisas reforçaram esta conclusão.

Em suas experiências, o Dr. Andrew selecionou pessoas idosas com problemas de memória para observá-las antes, durante e depois de fazerem meditações e orações. Os estudos foram realizados durante 12 minutos diários ao longo de 8 semanas e mostraram que a oração e a meditação podem oferecer resultados muito positivos à nossa saúde.

Quando feitas regularmente, a oração e a meditação aumentam a atividade do cérebro de forma semelhante ao que acontece com a comunicação, funcionando como um “treino físico” para a mente e resultando no desenvolvimento cerebral e mesmo na cura de várias doenças.

Outros estudos, anteriores e posteriores ao do Dr. Andrew Newberg, apontaram o mesmo fenômeno. Uma experiência publicada na revista *Cancer*, da Sociedade Americana do Câncer, por exemplo, atesta que os pacientes com sólidas crenças espirituais reagem melhor ao tratamento. Os pesquisadores do Moffitt Cancer Center, na Flórida, observaram que as pessoas que acreditam numa “força superior” têm melhor convivência social e mais saúde física e mental do que aquelas que afirmam não acreditar.

Fonte: [Aleteia](#)

Milagre de Santa Maria Alfonsine

O arrepiante relato do padre franciscano Abuna Nirwan no Iraque

O **pe. Abuna Nirwan** é um franciscano que nasceu no Iraque e, antes de ser ordenado sacerdote, estudou medicina. Foi destinado à Terra Santa e, em 2004, ganhou das Irmãs Dominicanas do Rosário uma **reliquia** da sua fundadora e um **terço** usado por ela. O padre passou a trazer a relíquia e o rosário sempre consigo.

A fundadora em questão é **Santa Marie Alphonsine Danil Ghattas**, cristã palestina canonizada em 2015 pelo Papa Francisco. Em 2009, quando o **Papa Bento XVI** aprovou o milagre para a sua beatificação, a Santa Sé pediu a **exumação** do corpo da religiosa. Esta missão costuma caber ao bispo local, que, para realizá-la, designa um médico. E esse médico foi justamente o padre Abuna Nirwan.

Em 2004, a relíquia e o rosário... Em 2009, a exumação... E esses dois fatos extraordinários não foram os únicos que ligaram o padre Nirwan àquela santa fundadora.

Dois anos antes da aprovação do Papa Bento à beatificação da religiosa, **mais um fato simplesmente arrepiante** envolvendo o pe. Nirwan e a madre Marie Alphonsine tinha sido relatado pelo padre Santiago Quemada no seu blog *“[Un sacerdote en Tierra Santa](#)”*.

Eis o relato:

A história que vamos contar aconteceu em 14 de julho de 2007. Abuna Nirwan foi visitar a sua família no Iraque e, para isso, precisou contratar um táxi. Ele mesmo relatou o caso na homilia de uma missa que celebrou em Bet Yalla. O padre Nirwan contou:

Não havia possibilidade de ir de avião para visitar a minha família. Era proibido. O meio de transporte era o carro. Meu plano era chegar a Bagdá e ir de lá para Mossul, onde viviam os meus pais.

O motorista tinha medo por causa da situação no Iraque. Uma família, formada pelo pai, a mãe e uma menininha de dois anos, pediu para viajar conosco. O taxista me falou do pedido e eu não vi nenhum inconveniente. Eram muçulmanos. O motorista era cristão. Ele disse que havia lugar no carro e que eles podiam ir conosco. Paramos num posto de combustível e outro homem jovem, muçulmano, também pediu para ir junto até Mossul. Como ainda restava um assento, ele também foi aceito.

A fronteira entre a Jordânia e o Iraque só abre quando amanhece. Quando o sol se levantou, uma fila de cinquenta ou sessenta carros foi avançando lentamente, todos juntos.

Seguimos a viagem. Depois de mais de uma hora, chegamos a um lugar onde estavam fazendo uma inspeção. Preparamos os passaportes. O motorista nos disse: “Tenho medo desse grupo”. Antes era um posto militar, mas uma organização terrorista islâmica havia matado os militares e tomado o controle do local.

Quando chegamos, eles nos pediram os passaportes sem nos fazer descer do carro. Levaram os passaportes a um escritório. A pessoa voltou, se dirigiu a mim e disse: “Padre, vamos continuar a investigação. Podem ir até o escritório mais à frente. Depois já é o deserto”. “Muito bem”, respondi. Caminhamos uns quinze minutos até chegar à cabana a que eles se referiam.

Quando chegamos à cabana, saíram dois homens de rosto coberto. Um deles tinha uma câmera em uma mão e um facão na outra. O outro era barbudo e estava segurando o alcorão. Chegaram até nós e um deles perguntou: "Padre, de onde está vindo?". Respondi que vinha da Jordânia. Depois ele perguntou ao motorista.

Depois se dirigiu ao rapaz que vinha conosco, o agarrou por trás com os braços e o matou com o facão. Amarraram as minhas mãos por trás das costas e disseram:

"Estamos gravando isto para a Al-Jazeera. Quer dizer algumas palavras? Tem menos de um minuto".

Eu respondi:

"Não, só quero rezar".

Eles me deram um minuto para rezar.

Depois um deles me empurrou pelo ombro para baixo até eu ficar de joelhos e me disse:

"Você é clérigo. É proibido que o seu sangue caia no chão porque é sacrilégio".

Por isso ele foi pegar um balde e voltou com ele para me degolar. Não sei o que rezei naquele momento. Senti muito medo e disse a Maria Alphonsine:

"Não pode ser por acaso que eu trago você comigo. Se é preciso que nosso Senhor me leve ainda jovem, estou pronto. Mas, se não é, eu te peço que ninguém mais morra".

Ele pegou a minha cabeça, segurou meu ombro com força e levantou o facão. Uns instantes de silêncio e de repente ele perguntou:

"Quem é você?"

Respondi:

"Um frade".

"E por que eu não consigo mexer o facão? Quem é você?"

E, sem me deixar responder, prosseguiu:

"Padre, você e todos voltem para o carro".

Fomos de volta até o veículo.

Daquele momento em diante, eu perdi o medo da morte. Sei que um dia morrerei, mas agora é mais claro que vai ser só quando Deus quiser. Desde aquele momento, eu não tenho medo de nada nem de ninguém. **O que vier a me acontecer é porque é vontade de Deus e Ele vai me dar a força para acolher a Sua cruz.** O importante é ter fé. Deus cuida dos que acreditam n'Ele".

Traduzido, com adaptações, de artigo publicado pelo site [Religión en Libertad](#) (em espanhol)

Fonte: [PT Aleteia](#)

10 conselhos de Santa Teresa de Jesus para sermos santos em nosso dia-a-dia

Sim, a santidade é um convite real e possível para todos nós!

Santa Teresa de Jesus, também chamada de **Santa Teresa de Ávila**, é uma das mais influentes **místicas** de toda a história da Igreja. É dela um dos mais inspiradores textos que já publicamos sobre a devoção ao grande **São José**, no qual ela testemunha: "[Não me lembro de ter jamais lhe rogado uma graça sem a ter imediatamente obtido](#)".

Destá vez, apresentamos **dez conselhos** contidos em seus textos sobre como podemos chegar à **santidade** dos filhos de Deus, uma meta real e possível, para a qual o próprio **Deus** nos chama e nos prepara com sua **Graça**:

1 - Dirige a Deus cada um dos teus atos; oferece-os a Ele e pede-Lhe que tudo seja para Sua honra e glória.

2 - Oferece-te a Deus ... muitas vezes por dia, e que seja com grande fervor e desejo de Deus.

3 - Em todas as coisas, observa a providência de Deus e Sua sabedoria; em tudo, dedica a Ele o teu louvor.

4 - Em tempos de tristeza e de inquietação, não abandones nem as obras de oração, nem a penitência a que estás habituado. Antes, intensifica-as e verás com que prontidão o Senhor te sustentará.

5 - Nunca fales mal de quem quer que seja, nem jamais escutes, a não ser que se trate de ti mesmo - e, no dia em que chegares a alegrar-te com isso, muito terás progredido.

6 - Não digas nunca, de ti mesmo, algo que mereça admiração, quer se trate de conhecimento, de virtude, de condição de berço, a menos que seja para prestar serviço - e, nesse caso, que seja feito com humildade e considerando que tais dons vêm das mãos de Deus.

7 - Não vejas em ti senão o servo de todos, e em todos contempla Cristo, nosso Senhor; assim O respeitarás e O venerarás.

8 - No tocante às coisas que não te dizem respeito, não te mostres curioso, nem de perto, nem de longe, nem mediante comentários, nem mediante perguntas.

9 - Mostra a tua devoção interior só em caso de necessidade urgente. Lembra-te do que diziam São Francisco e São Bernardo: "Meu segredo pertence a mim".

10 - Cumpre todas as coisas como se nosso Rei estivesse visível; agindo assim, muito ganhará a tua alma.

A partir de compilação publicada no blog [Para Maior Glória de Deus](#)

FONTE: [Aleteia](#)

Lendo o Catecismo ao longo do Ano Litúrgico

TEMPO DO ADVENTO

I Semana do Advento

Domingo: A esperança dos céus novos e da terra nova (1042-1047)

Segunda-feira: A esperança dos céus novos e da terra nova, II parte (1048-1050)

Terça-feira: O homem, imagem de Deus (1701-1709)

Quarta-feira: As bem-aventuranças (1716-1717)

Quinta-feira: O desejo de felicidade (1718-1719)

Sexta-feira: A bem-aventurança cristã (1720-1724)

Sábado: As virtudes (1803-1804)

II Semana do Advento

Domingo: A Eucaristia, penhor da glória futura (1402-1405)

Segunda-feira: Distinção das virtudes cardeais (1805-1809)

Terça-feira: As virtudes e a graça (1810-1811)

Quarta-feira: As virtudes teologais: a fé (1814-1816)

Quinta-feira: A esperança (1817-1819)

Sexta-feira: A esperança, II parte (1820-1821)

Sábado: A caridade (1822-1826)

III Semana do Advento

Domingo: A preparação da vinda do Cristo (522-524)

Segunda-feira: A caridade, II parte (1827-1829)

Terça-feira: Dons e frutos do Espírito (1830-1832)

Quarta-feira: Abraão, o pai de todos os que têm fé (144-147)

Quinta-feira: Maria, bem-aventurada a que acreditou (148-149)

Sexta-feira: Maria, imagem escatológica da Igreja (971-972)

Dia 17 de dezembro: Concebido pelo poder do Espírito Santo (484-486)

Dia 18 de dezembro: Nascido da Virgem Maria (487-489)

Dia 19 de dezembro: O tempo das promessas (702-704)

Dia 20 de dezembro: O Espírito da promessa (705-706)

Dia 21 de dezembro: A Lei de Moisés, as promessas e a aliança (707-710)

Dia 22 de dezembro: A expectativa do Messias e do seu Espírito (711-713)

Dia 23 de dezembro: A expectativa do Messias e do seu Espírito, II (714-716)

Dia 24 de dezembro: Ave, cheia de graça (721-726)

TEMPO DO NATAL

Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo

O mistério do Natal (525-526)

Oitava do Natal do Senhor

Dia 26 de dezembro: Deus enviou o seu Filho (422-424)

Dia 27 de dezembro: Anunciar a insondável riqueza de Cristo (425)

Dia 28 de dezembro (Santos Inocentes): Batizados pela sua morte por Cristo (1258)

Dia 29 de dezembro: Um Salvador, que é o Cristo Senhor (436-437)

Dia 30 de dezembro: Um Salvador, que é o Cristo Senhor, II (438-440)

Dia 31 de dezembro: Por que o Verbo se fez carne (456-460)

Sagrada Família de Jesus, Maria e José (domingo na Oitava do Natal)

Os mistérios da vida oculta de Jesus (531-534)

Dia 1o de Janeiro: Santa Maria, Mãe de Deus

A maternidade virginal de Maria no designio de Deus (502-507)

Dia 2 de janeiro: O santíssimo nome de Jesus (430-435)

Dia 3 de janeiro: A Encarnação (461-463)

Dia 4 de janeiro: Verdadeiro Deus e verdadeiro homem (464-469)

Dia 5 de janeiro: De que maneira o Filho de Deus é homem (470-475)

Epifania do Senhor (6 de janeiro, ou domingo entre 2 e 8 de janeiro)

A manifestação de Jesus como Messias (528)

Dia 7 de janeiro: O Batismo de Cristo (1223-1225)

Dia 8 de janeiro: O Batismo na Igreja (1226-1228)

Dia 9 de janeiro: Os mistérios da vida de Cristo (512-515)

Dia 10 de janeiro: Os mistérios da vida de Cristo, II (516-518)

Dia 11 de janeiro: Os mistérios da vida de Cristo, III (519-521)

Dia 12 de janeiro: Cristo é o centro da catequese (426-429)

Batismo do Senhor (13 de janeiro ou dom. entre 9 e 13 de janeiro)

O Batismo de Jesus (535-537)

TEMPO DA QUARESMA

Quarta-feira de Cinzas: A penitência interior (1430-1433)

Quinta-feira depois das Cinzas: A conversão dos batizados (1425-1429)

Sexta-feira depois das Cinzas: O sacramento da Penitência e Reconciliação (1440-1449)

Sábado depois das Cinzas: Os atos do penitente (1450-1460)

I Semana da Quaresma

Domingo: As tentações de Jesus (538-540)

Segunda-feira: A realidade do pecado (386-387)

Terça-feira: O pecado original (397-401)

Quarta-feira: O duro combate contra o mal (407-409)

Quinta-feira: Deus não abandonou o homem ao poder da morte (410-412)

Sexta-feira: A misericórdia e o pecado (1846-1848)

Sábado: A definição do pecado (1849-1851)

II Semana da Quaresma

Domingo: A Transfiguração (554-556)

Segunda-feira: A diversidade dos pecados (1852-1853)

Terça-feira: A gravidade do pecado – pecado mortal e venial (1854-1860)

Quarta-feira: A gravidade do pecado – pecado mortal e venial, II (1861-1864)

Quinta-feira: A proliferação do pecado (1865-1869)

Sexta-feira: O Reino de Deus está próximo (541-542)

Sábado: O anúncio do Reino de Deus (543-546)

III Semana da Quaresma

Domingo: Os sinais do Reino de Deus (547-550)

Segunda-feira: A justificação (1987-1991)

Terça-feira: A justificação, II (1992-1995)

Quarta-feira: A graça (1996-2000)

Quinta-feira: A graça, II (2001-2003)

Sexta-feira: A graça, III (2004-2005)

Sábado: A santidade cristã (2012-2016)

IV Semana da Quaresma

Domingo: Jesus, o Senhor (446-451)

Segunda-feira: Era preciso que Cristo padecesse (571-573)

Terça-feira: Jesus e Israel (574-576)

Quarta-feira: Jesus e a Lei de Moisés (577-579)

Quinta-feira: Jesus e a Lei de Moisés, II (580-582)

Sexta-feira: Jesus e o Templo (583-584)

Sábado: Jesus e o Templo, II (585-586)

V Semana da Quaresma

Domingo: Jesus e a sua rejeição pelos judeus (587-589)

Segunda-feira: Jesus e a sua rejeição pelos judeus, II (590-591)

Terça-feira: O processo de Jesus (595-596)

Quarta-feira: A responsabilidade dos judeus pela morte de Jesus (597)

Quinta-feira: Todos os pecadores, autores da Paixão de Cristo (598)

Sexta-feira: Jesus, entregue segundo o desígnio de Deus (599-601)

Sábado: A subida de Jesus a Jerusalém (557-558)

Semana Santa

Domingo de Ramos: A entrada messiânica de Jesus em Jerusalém (559-560)

Segunda-feira: “Deus o fez pecado por causa de nós” (602-603)

Terça-feira: O amor redentor universal de Deus (604-605)

Quarta-feira: Toda a vida de Cristo é oferenda ao Pai (606-607)

TRÍDUO PASCAL

Quinta-feira Santa: A instituição da Eucaristia (1337-1340)

Sexta-feira Santa: A oferta livre da vida de Jesus (608-614)

Sábado Santo: Cristo desceu aos infernos (631-635)

TEMPO PASCAL

Oitava da Páscoa

Páscoa da Ressurreição do Senhor: No terceiro dia, ressuscitou dos mortos (638)

Segunda-feira: A Ressurreição de Jesus, fato histórico (639)

Terça-feira: O túmulo vazio (640)

Quarta-feira: As aparições do Ressuscitado (641-644)

Quinta-feira: A Ressurreição de Jesus, acontecimento transcendente (645-647)

Sexta-feira: A Ressurreição, obra da Santíssima Trindade (648-650)

Sábado: Sentido e alcance salvífico da Ressurreição (651-655).

II Semana do Tempo Pascal

Domingo: O mistério pascal, centro do ano litúrgico (1168-1171)

Segunda-feira: O sacramento do Batismo (1213-1216)

Terça-feira: As prefigurações do Batismo na Antiga Aliança (1217-1222)

Quarta-feira: A iniciação cristã (1229-1233)

Quinta-feira: Mistagogia da celebração do Batismo (1234-1245)

Sexta-feira: O Batismo dos adultos (1246-1249)

Sábado: O Batismo das crianças (1250-1252)

III Semana do Tempo Pascal

Domingo: Fé e Batismo (1253-1255)

Segunda-feira: A necessidade do Batismo (1257-1261)

Terça-feira: A graça do Batismo (1262-1266)

Quarta-feira: A graça do Batismo, II (1267-1271)

Quinta-feira: A graça do Batismo, III (1272-1274)

Sexta-feira: Um só Batismo para a remissão dos pecados (977-980)

Sábado: A virgindade por causa do Reino (1618-1620)

IV Semana do Tempo Pascal

Domingo: O sacramento da Ordem (1536-1538)

Segunda-feira: O sacerdócio da Antiga Aliança (1539-1543)

Terça-feira: O sacerdócio único de Cristo (1544-1547)

Quarta-feira: O sacerdócio ministerial (1548-1553)

Quinta-feira: O Matrimônio no desígnio de Deus (1601-1605)

Sexta-feira: O casamento no Senhor (1612-1617)

Sábado: A celebração do Matrimônio (1621-1624)

V Semana do Tempo Pascal

Domingo: O consentimento matrimonial (1625-1632)

Segunda-feira: Os efeitos do sacramento do Matrimônio (1638-1642)

Terça-feira: Os bens e as exigências do amor conjugal (1643-1651)

Quarta-feira: A abertura à fecundidade (1652-1654)

Quinta-feira: A igreja doméstica (1655-1658)

Sexta-feira: O sacramento da Confirmação (1285-1289)

Sábado: Os sinais e o rito da Confirmação (1293-1296)

VI Semana do Tempo Pascal

Domingo: A celebração da Confirmação (1297-1301)

Segunda-feira: Os efeitos da Confirmação (1302-1305)

Terça-feira: Creio no Espírito Santo (683-684)

Quarta-feira: Creio no Espírito Santo, II (685-686)

Quinta-feira: Creio no Espírito Santo, III (687-688)

Sexta-feira: A missão conjunta do Filho e do Espírito (689-690)

Sábado: Jesus subiu aos céus (659-661)

VII Semana do Tempo Pascal

Ascensão do Senhor: Está sentado à direita do Pai (662-664)

Segunda-feira: O Espírito Santo e a Igreja na liturgia (1091-1092)

Terça-feira: O Espírito Santo prepara para acolher a Cristo (1093-1098)

Quarta-feira: O Espírito Santo recorda o mistério de Cristo (1099-1103)

Quinta-feira: O Espírito Santo atualiza o mistério de Cristo (1104-1107)

Sexta-feira: A comunhão do Espírito Santo (1108-1109)

Sábado: Vinde, Espírito Santo (2670-2672)

Domingo de Pentecostes: O Espírito Santo, Dom de Deus (731-736)

Santíssima Trindade (domingo depois de Pentecostes)

As obras divinas e as missões trinitárias (257-260)

Santíssimo Sacramento do Corpo e Sangue de Cristo (quinta-feira depois da Santíssima Trindade)

O Sacramento da Eucaristia (1322-1327)

Sagrado Coração de Jesus (sexta-feira após o 2o domingo depois de Pentecostes)

O corpo e o Coração do Verbo encarnado (476-478)

TEMPO COMUM

I Semana do Tempo Comum

Segunda-feira: Sei em quem pus minha fé (150-152)

Terça-feira: A fé e a inteligência (156-159)

Quarta-feira: A liberdade, necessidade e perseverança na fé (160-162)

Quinta-feira: A fé, começo da vida eterna em nós (163-165)

Sexta-feira: A fé, ato pessoal e eclesial (166-171)

Sábado: Uma só fé (172-175)

II Semana do Tempo Comum

Domingo: Os Símbolos da fé (185-197)

Segunda-feira: Creio em um só Deus (198-202)

Terça-feira: Deus revela seu nome (203-209)

Quarta-feira: Deus revela seu nome, II (210-213)

Quinta-feira: Deus, "Aquele que É", é Verdade e Amor (214-221)

Sexta-feira: O alcance da fé no Deus único (222-227)

Sábado: O Todo-Poderoso (268-271)

III Semana do Tempo Comum

Domingo: O mistério da aparente impotência de Deus (272-274)

Segunda-feira: O Criador (279-281)

Terça-feira: A catequese sobre a criação (282-289)

Quarta-feira: A criação, obra da Santíssima Trindade (290-292)

Quinta-feira: O mundo foi criado para a glória de Deus (293-294)

Sexta-feira: O mistério da criação (295-301)

Sábado: A Divina Providência (302-314)

IV Semana do Tempo Comum

Domingo: O mundo visível (337-341)

Segunda-feira: O mundo visível, II (342-349)

Terça-feira: O homem, criado à imagem de Deus (355-358)

Quarta-feira: O homem, criado à imagem de Deus, II (359-361)

Quinta-feira: O homem, corpo e alma (362-368)

Sexta-feira: Homem e mulher os criou (369-373)

Sábado: O homem no Paraíso (374-379)

V Semana do Tempo Comum

Domingo: Por que a liturgia? (1066-1068)

Segunda-feira: Que significa a palavra "liturgia" (1069-1070)

Terça-feira: A liturgia como fonte de vida (1071-1075)

Quarta-feira: A liturgia, obra da Santíssima Trindade (1077-1083)

Quinta-feira: O Cristo glorificado (1084-1085)

Sexta-feira: Liturgia terrestre e liturgia celeste (1088-1090)

Sábado: Os sacramentos de Cristo (1113-1116)

VI Semana do Tempo Comum

Domingo: Os sacramentos da Igreja (1117-1121)

Segunda-feira: Os sacramentos da fé (1122-1126)

Terça-feira: Os sacramentos da salvação (1127-1129)

Quarta-feira: Os sacramentos da Vida Eterna (1130)

Quinta-feira: Os celebrantes da liturgia celeste (1137-1139)

Sexta-feira: A comunidade que celebra (1140-1141)

Sábado: A diversidade de ministérios (1142-1144)

VII Semana do Tempo Comum

Domingo: Sinais e símbolos: Sinais do mundo dos homens (1145-1149)

Segunda-feira: Sinais cristãos (1150-1152)

Terça-feira: Palavras e ações (1153-1155)

Quarta-feira: Canto e música (1156-1158)

Quinta-feira: As santas imagens (1159-1162)

Sexta-feira: O tempo litúrgico (1163-1165)

Sábado: O dia do Senhor (1166-1167)

VIII Semana do Tempo Comum

Domingo: Liturgia e culturas (1204-1206)

Segunda-feira: A Unção dos Enfermos (1499-1502)

Terça-feira: Cristo médico (1503-1505)

Quarta-feira: Curai os enfermos (1506-1510)

Quinta-feira: Um Sacramento dos Enfermos (1511-1513)

Sexta-feira: Como é celebrada a Unção dos Enfermos (1517-1519)

Sábado: Os efeitos da Unção dos Enfermos (1520-1523)

IX Semana do Tempo Comum

Domingo: O santoral no ano litúrgico (1168-1171)

Segunda-feira: O desejo de Deus (27-30)

Terça-feira: As vias de acesso ao conhecimento de Deus (31-35)

Quarta-feira: O conhecimento de Deus segundo a Igreja (36-38)

Quinta-feira: Como falar de Deus? (39-43)

Sexta-feira: Deus revela seu desígnio benevolente (50-53)

Sábado: As etapas da Revelação (54-58)

X Semana do Tempo Comum

Domingo: As etapas da Revelação, II (59-64)

Segunda-feira: Deus tudo disse no seu Verbo (65-67)

Terça-feira: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (232-237)

Quarta-feira: O Pai revelado pelo Filho (238-242)

Quinta-feira: O Pai e o Filho revelados pelo Espírito (243-248)

Sexta-feira: A formulação do dogma trinitário (249-252)

Sábado: O dogma da Santíssima Trindade (253-256)

XI Semana do Tempo Comum

Domingo: Os nomes da Eucaristia (1328-1332)

Segunda-feira: Os sinais do pão e do vinho (1333-1336)

Terça-feira: Fazei isto em memória de Mim (1341-1344)

Quarta-feira: A Missa de todos os séculos (1345-1347)

Quinta-feira: O movimento da celebração (1348-1351)

Sexta-feira: O movimento da celebração, II (1352-1355)

Sábado: A ação de graças e o louvor ao Pai (1356-1361)

XII Semana do Tempo Comum

Domingo: O memorial sacrificial de Cristo e da Igreja (1362-1367)

Segunda-feira: O memorial sacrificial de Cristo e da Igreja, II (1368-1369)

Terça-feira: O memorial sacrificial de Cristo e da Igreja, III (1370-1372)

Quarta-feira: A presença real de Cristo na Eucaristia (1373-1375)

Quinta-feira: A presença real de Cristo na Eucaristia, II (1376-1379)

Sexta-feira: A presença real de Cristo na Eucaristia, III (1380-1381)

Sábado: O banquete pascal (1382-1383)

XIII Semana do Tempo Comum

Domingo: A comunhão (1384-1390)

Segunda-feira: Os frutos da comunhão (1391-1395)

Terça-feira: Os frutos da comunhão, II (1396-1397)

Quarta-feira: A oração como dom de Deus (2558-2561)

Quinta-feira: A oração como aliança e comunhão (2562-2565)

Sexta-feira: A revelação da oração (2566-2569)

Sábado: A promessa e a oração da fé (2570-2573)

XIV Semana do Tempo Comum

Domingo: Moisés e a oração do mediador (2574-2577)

Segunda-feira: Davi e a oração do rei (2578-2580)

Terça-feira: Elias, os profetas e a conversão do coração (2581-2584)

Quarta-feira: Os salmos, oração da assembléia (2585-2589)

Quinta-feira: Jesus ora (2598-2602)

Sexta-feira: Jesus ora, II (2603-2604)

Sábado: Jesus ora, III (2605-2606)

XV Semana do Tempo Comum

Domingo: Jesus ensina a orar (2607-2612)

Segunda-feira: Jesus ensina a orar, II (2613-2615)

Terça-feira: Jesus ouve a oração (2616)

Quarta-feira: A oração no tempo da Igreja (2623-2625)

Quinta-feira: A bênção e a adoração (2626-2628)

Sexta-feira: A oração de súplica (2629-2633)

Sábado: A oração de intercessão (2634-2636)

XVI Semana do Tempo Comum

Domingo: A oração de ação de graças (2637-2638)

Segunda-feira: A oração de louvor (2639-2643)

Terça-feira: As fontes da oração (2650-2655)

Quarta-feira: As fontes da oração, II (2656-2660)

Quinta-feira: O caminho da oração (2663-2669)

Sexta-feira: Uma nuvem de testemunhas (2683-2684)

Sábado: Servidores da oração (2685-2690)

XVII Semana do Tempo Comum

Domingo: Lugares favoráveis à oração (2691)

Segunda-feira: A vida de oração (2697-2699)

Terça-feira: A oração vocal (2700-2704)

Quarta-feira: A meditação (2705-2708)

Quinta-feira: A oração mental (2709-2712)

Sexta-feira: A oração mental, II (2713-2719)

Sábado: As objeções à oração (2725-2728)

XVIII Semana do Tempo Comum

Domingo: A humilde vigilância do coração (2729-2733)

Segunda-feira: A confiança filial (2734-2737)

Terça-feira: De que maneira é eficaz nossa oração? (2738-2741)

Quarta-feira: Perseverar no amor (2742-2745)

Quinta-feira: A oração da Hora de Jesus (2746-2751)

Sexta-feira: A oração do Senhor: Pai nosso (2759-2760)

Sábado: O resumo de todo o Evangelho (2761-2764)

XIX Semana do Tempo Comum

Domingo: A oração da Igreja (2767-2772)

Segunda-feira: Pai! (2777-2785)

Terça-feira: Pai "nosso" (2786-2793)

Quarta-feira: Que estais nos céus (2794-2796)

Quinta-feira: Os sete pedidos (2803-2806)

Sexta-feira: Santificado seja o vosso nome (2807-2815)

Sábado: Venha a nós o vosso Reino (2816-2821)

XX Semana do Tempo Comum

Domingo: Seja feita a vossa Vontade (2822-2827)

Segunda-feira: O pão nosso de cada dia (2828-2833)

Terça-feira: O pão nosso de cada dia, II (2834-2837)

Quarta-feira: Perdoai-nos as nossas ofensas (2838-2841)

Quinta-feira: Como nós perdoamos a quem nos tem ofendido (2842-2845)

Sexta-feira: Não nos deixeis cair em tentação (2846-2849)

Sábado: Nas livrai-nos do mal (2850-2854)

XXI Semana do Tempo Comum

Domingo: A doxologia final (2855-2856)

Segunda-feira: A vida em Cristo (1691-1698)

Terça-feira: Liberdade e responsabilidade (1730-1738)

Quarta-feira: A liberdade humana na economia da salvação (1739-1742)

Quinta-feira: A moralidade dos atos humanos (1749-1756)

Sexta-feira: A consciência moral (1776-1782)

Sábado: A formação da consciência (1783-1785)

XXII Semana do Tempo Comum

Domingo: As escolhas da consciência (1786-1794)

Segunda-feira: O caráter comunitário da vocação humana (1878-1885)

Terça-feira: A conversão e a sociedade (1886-1889)

Quarta-feira: A autoridade (1897-1904)

Quinta-feira: O bem comum (1905-1912)

Sexta-feira: Responsabilidade e participação (1913-1917)

Sábado: O respeito à pessoa humana (1929-1933)

XXIII Semana do Tempo Comum

Domingo: Igualdade e diferença entre os homens (1934-1938)

Segunda-feira: A solidariedade humana (1939-1942)

Terça-feira: A lei moral (1950-1953)

Quarta-feira: A Nova Lei ou Lei evangélica (1965-1974)

Quinta-feira: Os Dez Mandamentos (2052-2055)

Sexta-feira: Adorarás o Senhor teu Deus e o servirás (2084-2094)

Sábado: O nome do Senhor é santo (2142-2149)

XXIV Semana do Tempo Comum

Domingo: O dia do Senhor (2174-2179)

Segunda-feira: O quarto mandamento (2197-2200)

Terça-feira: O respeito à vida humana (2258-2262)

Quarta-feira: O aborto e a eutanásia (2270-2279)

Quinta-feira: A paz (2302-2306)

Sexta-feira: Homem e mulher os criou (2331-2336)

Sábado: A vocação à castidade (2337-2347)

XXV Semana do Tempo Comum

Domingo: O amor dos esposos (2360-2365)

Segunda-feira: A fecundidade do Matrimônio (2366-2372)

Terça-feira: O dom do filho (2373-2379)

Quarta-feira: O adultério e o divórcio (2380-2386)

Quinta-feira: Outras ofensas à dignidade do Matrimônio (2387-2391)

Sexta-feira: A destinação universal e a propriedade privada dos bens (2401-2406)

Sábado: O respeito aos bens do outro (2407-2414)

XXVI Semana do Tempo Comum

Domingo: O respeito pela integridade da criação (2415-2418)

Segunda-feira: A Doutrina Social da Igreja (2419-2425)

Terça-feira: A atividade econômica e a justiça social (2426-2436)

Quarta-feira: Justiça e solidariedade entre as nações (2437-2442)

Quinta-feira: O amor aos pobres (2443-2449)
Sexta-feira: Viver na verdade (2464-2470)
Sábado: As ofensas à verdade (2475-2487)

XXVII Semana do Tempo Comum

Domingo: O respeito à verdade (2488-2492)
Segunda-feira: O uso dos meios de comunicação social (2493-2499)
Terça-feira: Verdade, beleza e arte sacra (2500-2503)
Quarta-feira: O nono mandamento – a purificação do coração (2514-2519)
Quinta-feira: O combate pela pureza (2520-2527)
Sexta-feira: A desordem da cobiça (2534-2540)
Sábado: Os desejos do Espírito (2541-2543)

XXVIII Semana do Tempo Comum

Domingo: Quero ver a Deus (2548-2550)
Segunda-feira: Creio na santa Igreja católica (748-750)
Terça-feira: Os nomes e as figuras da Igreja (751-752)
Quarta-feira: Os símbolos da Igreja (753-757)
Quinta-feira: Origem da Igreja (758-762)
Sexta-feira: A Igreja, instituída por Cristo Jesus (763-766)
Sábado: A Igreja, manifestada pelo Espírito Santo (767-768)

XXIX Semana do Tempo Comum

Domingo: O mistério da Igreja (770-771)
Segunda-feira: A Igreja, mistério da união dos homens com Deus (772-773)
Terça-feira: A Igreja, sacramento universal da salvação (774-776)
Quarta-feira: O povo de Deus (781-782)
Quinta-feira: Um povo sacerdotal, régio e profético (783-786)
Sexta-feira: A Igreja, corpo místico de Jesus Cristo (787-791)
Sábado: Cristo é a cabeça da Igreja (792-795)

XXX Semana do Tempo Comum

Domingo: A Igreja é a Esposa de Cristo (796)
Segunda-feira: A Igreja, Templo do Espírito Santo (797-798)
Terça-feira: A Igreja é santa (823-829)
Quarta-feira: A Igreja é católica (830-831)
Quinta-feira: As igrejas particulares (dioceses) (832-835)
Sexta-feira: Quem pertence à Igreja católica? (836-838)
Sábado: Fora da Igreja não há salvação (846-848)

XXXI Semana do Tempo Comum

Domingo: A Igreja é apostólica (857)
Segunda-feira: A razão do ministério eclesial (874-879)
Terça-feira: O Magistério da Igreja (888-892)
Quarta-feira: Os fiéis leigos (897-900)
Quinta-feira: A participação dos leigos no múnus sacerdotal de Cristo (901-903)
Sexta-feira: A participação dos leigos no múnus profético de Cristo (904-907)
Sábado: A participação dos leigos no múnus régio de Cristo (908-913)

XXXII Semana do Tempo Comum

Domingo: A vida consagrada (914-924)
Segunda-feira: A vida consagrada, II (925-933)
Terça-feira: A comunhão dos santos (946-948)
Quarta-feira: A comunhão dos bens espirituais (949-953)
Quinta-feira: Creio na ressurreição da carne (988-991)
Sexta-feira: Revelação progressiva da ressurreição (992-996)
Sábado: De que maneira os mortos ressuscitarão? (997-1001)

XXXIII Semana do Tempo Comum

Domingo: Ressuscitados com Cristo (1002-1004)

Segunda-feira: Morrer em Cristo Jesus (1005-1014)

Terça-feira: Creio na vida eterna. O juízo particular (1020-1022)

Quarta-feira: O Céu (1023-1029)

Quinta-feira: A purificação final ou Purgatório (1030-1032)

Sexta-feira: O Inferno (1033-1037)

Sábado: O Juízo Final (1038-1041)

XXXIV Semana do Tempo Comum

Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo: Cristo já reina pela Igreja (668-670)

Segunda-feira: À espera de que tudo lhe seja submetido (671-672)

Terça-feira: O advento glorioso de Cristo (673-674)

Quarta-feira: A provação derradeira da Igreja (675-677)

Quinta-feira: Para julgar os vivos e os mortos (678-679)

Sexta-feira: A Igreja - consumada na glória (769)

Sábado: Amém (1061-1065)

Dia 30 de novembro: Santo André Apóstolo

A Tradição Apostólica (75-79)

Dia 8 de dezembro: Imaculada Conceição de Nossa Senhora

A Imaculada Conceição (490-493)

Dia 26 de dezembro: Santo Estêvão Protomártir

É preciso confessar a Cristo (1816)

Dia 27 de dezembro: São João Evangelista e Apóstolo

Deus é Amor (218-221)

Dia 2 de fevereiro: Apresentação do Senhor

A apresentação de Jesus no Templo (529-530)

Dia 19 de março: São José

Jesus, concebido por obra do Espírito Santo (496-501)

Dia 25 de março: Anunciação do Senhor

"Faça-se em mim segundo a tua palavra" (494-495)

Dia 24 de junho: Natividade de São João Batista

João, Precursor, Profeta e Batista (717-720)

Dia 29 de junho: São Pedro e São Paulo, Apóstolos

O colégio episcopal e seu chefe, o Papa (880-887)

Dia 3 de julho: São Tomé Apóstolo

As características da fé (153-155)

Dia 25 de julho: São Tiago Maior, Apóstolo

Os bispos, sucessores dos Apóstolos (861-862)

Dia 10 de agosto: São Lourenço, diácono e mártir

Os três graus do sacramento da ordem (1554)

Dia 15 de agosto: Assunção de Nossa Senhora

Maria, nossa Mãe na ordem da graça (966-970)

Dia 24 de agosto: São Bartolomeu Apóstolo

Anúncio do Evangelho (2-3)

Dia 8 de setembro: Natividade de Nossa Senhora

A oração em comunhão com a Santa Mãe de Deus (2673-2679)

Dia 21 de setembro: São Mateus Evangelista e Apóstolo

O Espírito, intérprete da Escritura (109-114)

Dia 29 de setembro: São Miguel Arcanjo

Cristo com todos os seus anjos (331-333)

Dia 28 de outubro: São Simão e São Judas Tadeu, Apóstolos

O Cristo enviou os Apóstolos (1086-1087)

Dia 1o de novembro: Todos os Santos

A comunhão dos santos (954-959)

Dia 2 de novembro: Fiéis Defuntos

As indulgências (1471-1479)

O que a Igreja ensina sobre sepultamento e cremação

Cidade do Vaticano (RV) – Realizou-se na Sala de Imprensa da Santa Sé, nesta terça-feira (25/10), a coletiva de apresentação da Instrução **‘Ad resurgendum cum Christo’** da Congregação para a Doutrina da Fé a propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas no caso de cremação.

Participaram da coletiva o Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, Cardeal Gerhard Müller, o Secretário da Comissão Teológica Internacional, Pe. Serge-Thomas Bonino, e o consultor da Congregação para a Doutrina da Fé, Mons. Angel Rodriguez Luño.

Segundo o documento, “a prática da cremação difundiu-se bastante em muitas Nações e, ao mesmo tempo, difundem-se também novas ideias contrastantes com a fé da Igreja”.

Código de Direito Canônico

A norma eclesial vigente em matéria de cremação de cadáveres é regulada pelo Código de Direito Canônico: “A Igreja recomenda vivamente que se conserve o piedoso costume de sepultar os corpos dos defuntos; mas não proíbe a cremação, a não ser que tenha sido preferida por razões contrárias à doutrina cristã.”

“É preciso sublinhar que, não obstante esta norma, a prática da cremação se difundiu muito no âmbito da Igreja Católica. Em relação à prática de conservação das cinzas, não existe uma específica norma canônica. Por isso, algumas Conferências Episcopais se dirigiram à Congregação para a Doutrina da Fé levantando questões acerca da prática de conservar a urna cinerária em casa ou em lugares diferentes do cemitério, e sobretudo de espalhar as cinzas na natureza”, disse o Cardeal Müller na coletiva.

“Seguindo a antiga tradição cristã, a Igreja recomenda insistentemente que os corpos dos defuntos sejam sepultados no cemitério ou num lugar sagrado. Ao lembrar a morte, sepultura e ressurreição do Senhor, mistério à luz do qual se manifesta o sentido cristão da morte, a inumação é a forma mais idônea para exprimir a fé e a esperança na ressurreição corporal. A sepultura nos cemitérios ou noutros lugares sagrados responde adequadamente à piedade e ao respeito devido aos corpos dos fiéis defuntos. Enterrando os corpos dos fiéis defuntos, a Igreja confirma a fé na ressurreição da carne e se separa de comportamentos e ritos que envolvem concepções errôneas sobre a morte: seja o aniquilamento definitivo da pessoa; seja o momento da sua fusão com a Mãe natureza ou com o universo; seja como uma etapa no processo da reencarnação; seja ainda, como a libertação definitiva da “prisão” do corpo.”

Conservação as cinzas

“Quaisquer que sejam as motivações legítimas que levaram à escolha da cremação do cadáver, as cinzas do defunto devem ser conservadas, por norma, num lugar sagrado, isto é, no cemitério ou, se for o caso, numa igreja ou num lugar especialmente dedicado a esse fim determinado pela autoridade eclesial.”

Segundo o documento, “a conservação das cinzas em casa não é consentida. Somente em casos de circunstâncias graves e excepcionais, o Ordinário, de acordo com a Conferência Episcopal ou o Sínodo dos Bispos das Igrejas

Orientais, poderá autorizar a conservação das cinzas em casa. As cinzas, no entanto, não podem ser divididas entre os vários núcleos familiares e deve ser sempre assegurado o respeito e as adequadas condições de conservação das mesmas.

Para evitar qualquer tipo de equívoco panteísta, naturalista ou niilista, não é permitida a dispersão das cinzas no ar, na terra ou na água ou, ainda, em qualquer outro lugar. Exclui-se, ainda a conservação das cinzas cremadas sob a forma de recordação comemorativa em peças de joalheria ou em outros objetos.

“Espera-se que esta nova Instrução possa fazer com que os fiéis cristãos tenham mais consciência de sua dignidade de filhos de Deus. Estamos diante de um novo desafio para evangelização da morte”, concluiu o Cardeal Müller. (MJ)

A seguir, a íntegra do documento.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ

*Instrução Ad resurgendum cum Christo
a propósito da sepultura dos defuntos
e da conservação das cinzas da cremação*

1. Para ressuscitar com Cristo, é necessário morrer com Cristo, isto é, “exilarmo-nos do corpo para irmos habitar junto do Senhor” (2 Cor 5, 8). Com a Instrução Piam et constantem, de 5 de Julho de 1963, o então chamado Santo Ofício, estabeleceu que “seja fielmente conservado o costume de enterrar os cadáveres dos fiéis”, acrescentando, ainda, que a cremação não é “em si mesma contrária à religião cristã”. Mais ainda, afirmava que não devem ser negados os sacramentos e as exéquias aqueles que pediram para ser cremados, na condição de que tal escolha não seja querida “como a negação dos dogmas cristãos, ou num espírito sectário, ou ainda, por ódio contra a religião católica e a Igreja”. Esta mudança da disciplina eclesiástica foi consignada no Código de Direito Canônico (1983) e no Código dos Cânones da Igreja Oriental (1990).

Entretanto, a prática da cremação difundiu-se bastante em muitas Nações e, ao mesmo tempo, difundem-se, também, novas ideias contrastantes com a fé da Igreja. Depois de a seu tempo se ter ouvido a Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, o Pontifício Conselho para os Textos Legislativos e numerosas Conferências Episcopais e Sinodais dos bispos das Igrejas Orientais, a Congregação para a Doutrina da Fé considerou oportuno publicar uma nova Instrução, a fim de repôr as razões doutrinárias e pastorais da preferência a dar à sepultura dos corpos e, ao mesmo tempo, dar normas sobre o que diz respeito à conservação das cinzas no caso da cremação.

2. A ressurreição de Jesus é a verdade culminante da fé cristã, anunciada como parte fundamental do Mistério pascal desde as origens do cristianismo: “Transmiti-vos em primeiro lugar o que eu mesmo recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Pedro e depois aos Doze” (1 Cor 15, 3-5).

Pela sua morte e ressurreição, Cristo libertou-nos do pecado e deu-nos uma vida nova: “como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, também nós vivemos uma vida nova” (Rom 6, 4). Por outro lado, Cristo ressuscitado é princípio e fonte da nossa ressurreição futura: “Cristo ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram....; do mesmo modo que em Adão todos morreram, assim também em Cristo todos serão restituídos à vida” (1 Cor 15, 20-22).

Se é verdade que Cristo nos ressuscitará “no último dia”, é também verdade que, de certa forma já ressuscitamos com Cristo. De facto, pelo Batismo, estamos imersos na morte e ressurreição de Cristo e sacramentalmente assimilados a Ele: “Sepultados com Ele no batismo, também com Ele fostes

ressuscitados pela fé que tivestes no poder de Deus, que O ressuscitou dos mortos” (Col 2, 12). Unidos a Cristo pelo Batismo, participamos já, realmente, na vida de Cristo ressuscitado (cf. Ef 2, 6).

Graças a Cristo, a morte cristã tem um significado positivo. A liturgia da Igreja reza: “Para os que creem em vós, Senhor, a vida não acaba, apenas se transforma; e, desfeita a morada deste exílio terrestre, adquirimos no céu uma habitação eterna”. Na morte, o espírito separa-se do corpo, mas na ressurreição Deus torna a dar vida incorruptível ao nosso corpo transformado, reunindo-o, de novo, ao nosso espírito. Também nos nossos dias a Igreja é chamada a anunciar a fé na ressurreição: “A ressurreição dos mortos é a fé dos cristãos: acreditando nisso somos o que professamos”.

3. Seguindo a antiga tradição cristã, a Igreja recomenda insistentemente que os corpos dos defuntos sejam sepultados no cemitério ou num lugar sagrado.

Ao lembrar a morte, sepultura e ressurreição do Senhor, mistério à luz do qual se manifesta o sentido cristão da morte, a inumação é, antes de mais, a forma mais idônea para exprimir a fé e a esperança na ressurreição corporal.

A Igreja, que como Mãe acompanhou o cristão durante a sua peregrinação terrena, oferece ao Pai, em Cristo, o filho da sua graça e entrega à terra os restos mortais na esperança de que ressuscitará para a glória.

Enterrando os corpos dos fiéis defuntos, a Igreja confirma a fé na ressurreição da carne, e deseja colocar em relevo a grande dignidade do corpo humano como parte integrante da pessoa da qual o corpo partilha a história. Não pode, por isso, permitir comportamentos e ritos que envolvam concepções errôneas sobre a morte: seja o aniquilamento definitivo da pessoa; seja o momento da sua fusão com a Mãe natureza ou com o universo; seja como uma etapa no processo da reencarnação; seja ainda, como a libertação definitiva da “prisão” do corpo.

Por outro lado, a sepultura nos cemitérios ou noutros lugares sagrados responde adequadamente à piedade e ao respeito devido aos corpos dos fiéis defuntos, que, mediante o Batismo, se tornaram templo do Espírito Santo e dos quais, “como instrumentos e vasos, se serviu santamente o Espírito Santo para realizar tantas boas obras”.

O justo Tobias é elogiado pelos méritos alcançados junto de Deus por ter enterrado os mortos, e a Igreja considera a sepultura dos mortos como uma obra de misericórdia corporal.

Ainda mais, a sepultura dos corpos dos fiéis defuntos nos cemitérios ou noutros lugares sagrados favorece a memória e a oração pelos defuntos da parte dos seus familiares e de toda a comunidade cristã, assim como a veneração dos mártires e dos santos.

Mediante a sepultura dos corpos nos cemitérios, nas igrejas ou em lugares específicos para tal, a tradição cristã conservou a comunhão entre os vivos e os mortos e opõe-se à tendência a esconder ou privatizar o acontecimento da morte e o significado que ela tem para os cristãos.

4. Onde por razões de tipo higiénico, económico ou social se escolhe a cremação; escolha que não deve ser contrária à vontade explícita ou razoavelmente presumível do fiel defunto, a Igreja não vê razões doutrinárias para impedir tal prática; uma vez que a cremação do cadáver não toca o espírito e não impede a omnipotência divina de ressuscitar o corpo. Por isso, tal facto, não implica uma razão objectiva que negue a doutrina cristã sobre a imortalidade da alma e da ressurreição dos corpos.

A Igreja continua a preferir a sepultura dos corpos uma vez que assim se evidencia uma estima maior pelos defuntos; todavia, a cremação não é proibida, “a não ser que tenha sido preferida por razões contrárias à doutrina cristã”.

Na ausência de motivações contrárias à doutrina cristã, a Igreja, depois da celebração das exéquias, acompanha a escolha da cremação seguindo as respectivas indicações litúrgicas e pastorais, evitando qualquer tipo de

escândalo ou de indiferentismo religioso.

5. Quaisquer que sejam as motivações legítimas que levaram à escolha da cremação do cadáver, as cinzas do defunto devem ser conservadas, por norma, num lugar sagrado, isto é, no cemitério ou, se for o caso, numa igreja ou num lugar especialmente dedicado a esse fim determinado pela autoridade eclesial.

Desde o início os cristãos desejaram que os seus defuntos fossem objecto de orações e de memória por parte da comunidade cristã. Os seus túmulos tornaram-se lugares de oração, de memória e de reflexão. Os fiéis defuntos fazem parte da Igreja, que crê na comunhão “dos que peregrinam na terra, dos defuntos que estão levando a cabo a sua purificação e dos bem-aventurados do céu: formam todos uma só Igreja”.

A conservação das cinzas num lugar sagrado pode contribuir para que não se corra o risco de afastar os defuntos da oração e da recordação dos parentes e da comunidade cristã. Por outro lado, deste modo, se evita a possibilidade de esquecimento ou falta de respeito que podem acontecer, sobretudo depois de passar a primeira geração, ou então cair em práticas inconvenientes ou supersticiosas.

6. Pelos motivos mencionados, a conservação das cinzas em casa não é consentida. Em casos de circunstâncias gravosas e excepcionais, dependendo das condições culturais de carácter local, o Ordinário, de acordo com a Conferência Episcopal ou o Sínodo dos Bispos das Igrejas Orientais, poderá autorizar a conservação das cinzas em casa. As cinzas, no entanto, não podem ser divididas entre os vários núcleos familiares e deve ser sempre assegurado o respeito e as adequadas condições de conservação das mesmas.

7. Para evitar qualquer tipo de equívoco panteísta, naturalista ou niilista, não seja permitida a dispersão das cinzas no ar, na terra ou na água ou, ainda, em qualquer outro lugar. Exclui-se, ainda a conservação das cinzas cremadas sob a forma de recordação comemorativa em peças de joalharia ou em outros objetos, tendo presente que para tal modo de proceder não podem ser adotadas razões de ordem higiénica, social ou económica a motivar a escolha da cremação.

8. No caso do defunto ter claramente manifestado o desejo da cremação e a dispersão das mesmas na natureza por razões contrárias à fé cristã, devem ser negadas as exéquias, segundo o direito.

O Sumo Pontífice Francisco, na Audiência concedida ao abaixo-assinado, Cardeal Prefeito, em 18 de Março de 2016, aprovou a presente Instrução, decidida na Sessão Ordinária desta Congregação em 2 de Março de 2016, e ordenou a sua publicação.

Roma, Congregação para a Doutrina da Fé, 15 de Agosto de 2016, Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria.

Gerhard Card. Müller
Prefeito

Luis F. Ladaria, S.I.

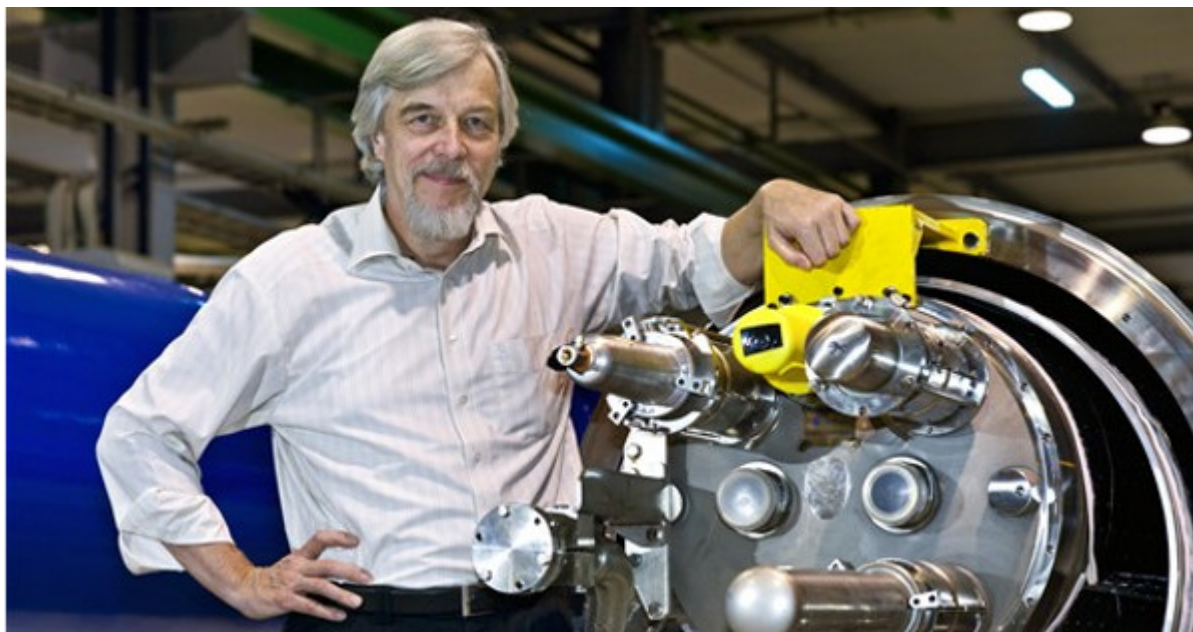
Arcebispo titular de Thibica Secretário

Fonte: http://br.radiovaticana.va/news/2016/10/25/doutrina_da_fé_publica_instrução_sobre_sepultura_e_cremação/1267717

Ateus convertidos

GENEBRA | Um físico nuclear da Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (CERN) recentemente se converteu ao Cristianismo depois de uma “visão profunda”, durante testes

no maior e mais poderoso do mundo acelerador de partículas.



O físico nuclear alemão e professor do Departamento de Física do Instituto Federal Suíço de Tecnologia de Zurique (ETH), Gunther Scheizle, surpreendeu seus colegas nesta semana quando revelou sua fé em um Deus cristão.

“Eu posso entender a surpresa dos meus colegas de trabalho, tenho sido sempre conhecido como um cara ateu anti-religioso”, disse ele à *Gemeinschaft des Herrn*, um jornal cristão alemão com sede em Munique. “Uma vez eu joguei um livro de física pesado em um dos meus alunos só porque ele sequer mencionou a possibilidade do universo ser um projeto de um ser superior inteligente. Eu acho que ele estava certo, afinal de contas”, reconheceu com um sorriso.

A “visão poderosa e divina dos seres luminosos” chocou o físico nuclear de 57 anos de idade durante testes no grande colisor de hádrons no mês passado, forçando-o a reconsiderar seu “entendimento anterior da vida e do universo.”

Anjos de luz

A cientista de 57 anos teve uma experiência preocupante em janeiro passado depois que ele sofreu um ataque cardíaco durante um dos testes mais poderosos a ser feito no grande colisor de hádrons.



“Nós tentamos empurrar os limites do colisor de hádrons naquele dia e bater o nosso recorde de 6,5 tera elétron-volts (TeV) por feixe e foi quando eu comecei a sentir a consciência inquieta”, lembra ele. “Embora eu estivesse inconsciente e meu corpo paralisado no chão, eu senti como se estivesse fora do meu corpo e podia ouvir e ver toda a comoção a minha insuficiência cardíaca tinha causado em torno de mim”, ele explica. “Isso foi quando seres de luz vieram e me confortaram. Eles não disseram nada, mas eu sabia que eu ia sobreviver e que minha missão na Terra ainda não havia sido realizada. Eu sabia que não estava morto”, lembra ele, ainda visivelmente sob choque. “Tudo o que lembro depois disso é acordar na ambulância com uma dor excruciante”, explicou.

Um fenômeno inexplicável

Durante as próximas semanas, o professor Gunther Scheizle diz que teve de redefinir sua compreensão da vida e do universo.

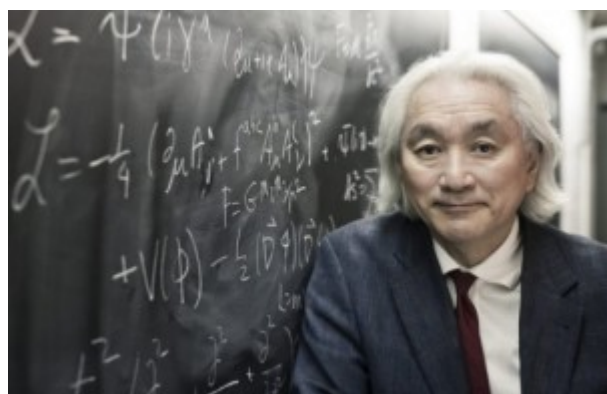
“As semanas seguintes foram extremamente difíceis para mim, não tanto quanto fisicamente, mas extremamente mentalmente desafiadora. Todas as minhas noções pré-concebidas da realidade foram destruídas permanentemente. Como eu poderia encarar meus colegas colegas de trabalho e familiares com uma história tão incoerente? Será que eu realmente tinha visto foi verdade ou foi uma mera ilusão? Estes pensamentos devastadoras me manteve sob agitação total durante semanas até que eu decidi pedir a ajuda de um pastor local, que disse que eu tinha sido visitado por anjos. Eu nunca tinha ido em uma igreja em toda a minha vida antes desse momento”, lembra ele, as lágrimas em seus olhos.

Embora o professor Gunther Scheizle ainda não entenda completamente o que realmente aconteceu com ele, ele queria contar sua história aos outros porque ele não podia mais viver com essa carga sobre seus ombros, ele disse à *Gemeinschaft des Herrn*. “Tudo o que espero agora, é que meus colegas colegas respeitem minhas crenças e compreendam a recém-descoberta do mundo e que Deus possa nos ajudar a encontrar o verdadeiro sentido da vida, seja ele através da oração ou da ciência”, concluiu.

Fonte: <http://www.semprequestione.com/2016/04/ateus-ficam-chocados-cientista-do-cern.html>

Famoso cientista admite que o universo foi criado por Deus

Michio Kaku é um cientista físico teórico de renome mundial. Ele publicou mais de 70 artigos em revistas de física sobre temas como a supersimetria, teoria das supercordas, supergravidade e física hadrônica. Mas a sua mais recente afirmação pode chocar o mundo da ciência e da comunidade atea.



“Cheguei à conclusão de que estamos em um mundo feito por regras criadas por uma inteligência”, Kaku diz em um vídeo produzido pela *Big Think*. “Para mim é claro que nós existimos em um planeta que é regido por regras que foram criadas, moldadas por uma inteligência universal e não por acaso”. A conclusão de Kaku é clara. “A solução final pode ser que Deus é um matemático”, disse Kaku. “Acredito que a mente de Deus é música cósmica. A música de cordas de ressonância através do hiperespaço de 11 dimensões”, disse.

Quanto mais os cientistas estudam o universo, mais perto eles parecem estar de Deus. Kaku acredita que ele tem evidências encontradas sobre Deus em seu trabalho e diz que o universo não é um acidente. Ele ajudou na construção da Teoria de Cordas, pioneira do universo sobre a ideia de que o universo é formado por muitas dimensões diferentes de espaço e tempo.

Teoria das Cordas é muito complexa e requer um fundo significativo na física para explicar, mas é favorecida por muitos cientistas, porque sucintamente responde a muitas das

perguntas que eles têm sobre o universo. Ainda assim, essa teoria não fornece uma equação completa e satisfatória sobre o universo.

O problema da física são as leis que explicam por que o universo funciona, como faz no nível macro, mas não se aplicam ao nível micro. Einstein da física e da física quântica, tem uma lacuna entre suas explicações sobre o que os cientistas ainda não podem explicar. Por exemplo, porque é que minúsculas partículas quânticas podem se elevar dentro e fora da existência do nada? A teoria das cordas tenta fornecer uma resposta a esta pergunta.

A Criação

Enquanto trabalhava na Teoria das Cordas, Kaku, descobriu o que ele vê como evidência de que o universo é criado por uma inteligência, ao invés de meramente formada por forças aleatórias. Ele sugere sua explicação por meio do que ele chama de "primitivas tachyons semi-raio". Não existe ainda uma explicação sucinta desta ideia de Kaku e nem do que ele está se referindo a "tachyons", que são partículas teóricas que se desvinculam de uma outra partícula.

Kaku conclui que vivemos em um universo de estilo Matrix, criado por uma inteligência. "Cheguei à conclusão de que estamos em um mundo feito por regras criadas por uma inteligência", disse ele. "Acredite em mim, tudo o que chamamos de 'chance' hoje não faz mais sentido. Para mim, é bastante claro a existência de um plano que é regido por regras que foram criadas, moldadas por uma inteligência universal e não por acaso", confessa.

Então, isso significa que Kaku agora acredita em Deus? Sim e não. Ele não chega a se referir a uma divindade religiosa, mas para a comunidade cristã é reconfortante ver que cientistas que pesquisam os mistérios do universo estão a encontrar Deus.

Confira o vídeo (ative as legendas em português):

Fonte: <http://www.cpadnews.com.br/universo-cristao/34335/famoso-cientista-admite-que-o-universo-foi-criado-por-deus.html>

Qual a origem da festa de Corpus Christi?

A Festa de "Corpus Christi" é a celebração em que solenemente a Igreja comemora o Santíssimo Sacramento da Eucaristia; sendo o único dia do ano que o Santíssimo Sacramento sai em procissão às nossas ruas. Nesta festa os fiéis agradecem e louvam a Deus pelo inestimável dom da Eucaristia, na qual o próprio Senhor se faz presente como alimento e remédio de nossa alma. A Eucaristia é fonte e centro de toda a vida cristã. Nela está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, o próprio Cristo.

A Festa de Corpus Christi surgiu no séc. XIII, na diocese de Liège, na Bélgica, por iniciativa da freira Juliana de Mont Cornillon, (†1258) que recebia visões nas quais o próprio Jesus lhe pedia uma festa litúrgica anual em honra da Sagrada Eucaristia.

Aconteceu que quando o padre Pedro de Praga, da Boêmia, celebrou uma Missa na cripta de Santa Cristina, em Bolsena, Itália, ocorreu um milagre eucarístico: da hóstia consagrada começaram a cair gotas de sangue sobre o corporal após a consagração. Dizem que isto ocorreu porque o padre teria duvidado da presença real de Cristo na Eucaristia.

O Papa Urbano IV (1262-1264), que residia em Orvieto, cidade próxima de Bolsena, onde vivia S. Tomás de Aquino, ordenou ao Bispo Giacomo que levasse as relíquias de Bolsena a Orvieto. Isso foi feito em procissão. Quando o Papa encontrou a Procissão na entrada de Orvieto, pronunciou diante da relíquia eucarística as palavras: "Corpus Christi".

Em 11/08/1264 o Papa aprovou a Bula "Transiturus de mundo", onde prescreveu que na 5ª feira após a oitava de Pentecostes, fosse oficialmente celebrada a festa em honra do Corpo do Senhor. São Tomás de Aquino foi encarregado pelo Papa para compor o Ofício da celebração. O Papa era um arcediogo de Liège e havia conhecido a Beata Cornilon e havia percebido a luz sobrenatural que a iluminava e a sinceridade de seus apelos.

Em 1290 foi construída a belíssima Catedral de Orvieto, em pedras pretas e brancas, chamada de "Lírio das Catedrais". Antes disso, em 1247, realizou-se a primeira procissão

eucarística pelas ruas de Liège, como festa diocesana, tornando-se depois uma festa litúrgica celebrada em toda a Bélgica, e depois, então, em todo o mundo no séc. XIV, quando o Papa Clemente V confirmou a Bula de Urbano IV, tornando a Festa da Eucaristia um dever canônico mundial.

Em 1317, o Papa João XXII publicou na Constituição Clementina o dever de se levar a Eucaristia em procissão pelas vias públicas. A partir da oficialização, a Festa de Corpus Christi passou a ser celebrada todos os anos na primeira quinta-feira após o domingo da Santíssima Trindade.

Todo católico deve participar dessa Procissão por ser a mais importante de todas que acontecem durante o ano, pois é a única onde o próprio Senhor sai às ruas para abençoar as pessoas, as famílias e a cidade. Em muitos lugares criou-se o belo costume de enfeitar as casas com oratórios e flores e as ruas com tapetes ornamentados, tudo em honra do Senhor que vem visitar o seu povo.

Começaram assim as grandes procissões eucarísticas, as adorações solenes, a Bênção com o Santíssimo no ostensório por entre cânticos. Surgiram também os Congressos Eucarísticos, as Quarenta Horas de Adoração e inúmeras outras homenagens a Jesus na Eucaristia. Muitos se converteram e todo o mundo católico.

Eucaristia: Presença real de Jesus no pão e no vinho consagrados

Todos os católicos reconhecem o valor da Eucaristia. Podemos encontrar vários testemunhos da crença da real presença de Jesus no pão e vinho consagrados na missa desde os primórdios da Igreja.

Mas, certa vez, no século VIII, na freguesia de Lanciano (Itália), um dos monges de São Basílio foi tomado de grande descrença e duvidou da presença de Cristo na Eucaristia. Para seu espanto, e para benefício de toda a humanidade, na mesma hora a Hóstia consagrada transformou-se em carne e o Vinho consagrado transformou-se em sangue. Esse milagre tornou-se objeto de muitas pesquisas e estudos nos séculos seguintes, mas o estudo mais sério foi feito em nossa era, entre 1970/71 e revelou ao mundo resultados impressionantes:

A Carne e o Sangue continuam frescos e incorruptos, como se tivessem sido recolhidos no presente dia, apesar dos doze séculos transcorridos.

O Sangue encontra-se coagulado externamente em cinco partes; internamente o sangue continua líquido.

Cada porção coagulada de sangue possui tamanhos diferentes, mas todas possuem exatamente o mesmo peso, não importando se pesadas juntas, combinadas ou separadas.

São Carne e Sangue humanos, ambos do grupo sanguíneo AB, raro na população do mundo, mas característico de 95% dos judeus.

Todas as células e glóbulos continuam vivos.

A carne pertence ao miocárdio, que se encontra no coração (e o coração sempre foi símbolo de amor!).

Mesmo com esse milagre, entre os séculos IX e XIII surgiram grandes controvérsias sobre a presença real de Cristo na Eucaristia; alguns afirmavam que a ceia se tratava apenas de um memorial que simbolizava a presença de Cristo. Foi somente em junho de 1246 que a festa de Corpus Christi foi instituída, após vários apelos de Santa Juliana que tinha visões que solicitavam a instituição de uma festa em honra ao Santíssimo Sacramento. Em outubro de 1264 o papa Urbano IV estendeu a festa para toda a Igreja. Nessa festa, o maior dos sacramentos deixados à Igreja mostra a sua realidade: a Redenção.

A Eucaristia é o memorial sempre novo e sempre vivo dos sofrimentos de Jesus por nós. Mesmo separando seu Corpo e seu Sangue, Jesus se conserva por inteiro em cada uma das espécies. É pela Eucaristia, especialmente pelo Pão, sinal do alimento que fortifica a alma, que tomamos parte na vida divina, nos unindo a Jesus e, por Ele, ao Pai, no amor do Espírito Santo. Essa antecipação da vida divina aqui na terra mostra-nos claramente a vida que receberemos no Céu, quando nos for apresentado, sem véus, o banquete da eternidade.

O centro da missa será sempre a Eucaristia e, por ela, o melhor e o mais eficaz meio de participação no divino ofício. Aumentando a nossa devoção ao Corpo e Sangue de Jesus, como ele próprio estabeleceu, alcançaremos mais facilmente os frutos da Redenção!

Prof. Felipe Aquino

Sobre Prof. Felipe Aquino

O Prof. Felipe Aquino é doutor em Engenharia Mecânica pela UNESP e mestre na mesma área pela UNIFEI. Foi diretor geral da FAENQUIL (atual EEL-USP) durante 20 anos e atualmente é Professor de História da Igreja do “Instituto de Teologia Bento XVI” da Diocese de Lorena e da Canção Nova. Cavaleiro da Ordem de São Gregório Magno, título concedido pelo Papa Bento XVI, em 06/02/2012. Foi casado durante 40 anos e é pai de cinco filhos. Na TV Canção Nova, apresenta o programa “Escola da Fé” e “Pergunte e Responderemos”, na Rádio apresenta o programa “No Coração da Igreja”. Nos finais de semana prega encontros de aprofundamento em todo o Brasil e no exterior. Escreveu 73 livros de formação católica pelas editoras Cléofas, Loyola e Canção Nova.

Fonte: <http://cleofas.com.br/qual-a-origem-da-festa-de-corpus-christi/>